

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.º	Semest. — 18 n.º	Trim. — 6 n.º	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1153	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	640	120	10 de Janeiro de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, em o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas ídem.....	4\$000	2\$000	640	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	640	120		



ESTATUA DE JOAQUIM ANTONIO DE AGUIAR, DESTINADA AO SEU MONUMENTO, EM COIMBRA

(Esculptura de Costa Motta)

CHRONICA OCCIDENTAL

Morreu hontem, como um passarinho, a capellista ali defronte.

Coitadinha, chegou-lhe a sua vez... Muito durou ella. E ainda bem que se foi antes que o senhorio a pozesse na rua, para dar mais aquella porta á ganancia do logista da esquina. O diabo do homem não descança emquanto o predio todo não fôr só para elle. Já tem quatro portas para uma rua e seis para outra, e ainda não está contente. Queira Deus que tanto espalhafato não venha a dar em autos do Tribunal do Commercio!

A capellista não fazia mal a ninguem, e o que só pedia era que a deixassem em paz com o seu papagaio, o seu gato, e os seus freguezes.

Era modelo de virtudes recatadas, e como nunca se houvesse importado com a vida alheia, só a mal querença é que lhe não entrava na loja. Tudo o mais lá ia: para a carta de alfinetes ou para a caixa de fosforos; para o charutinho de dez réis ou para a duzia de botões de ceroula; para o brinquedo ou para o bote de rapé.

Filha unica, orfan de pae que tinha sido musico de Infanteria, e com a mãe quasi cega, o que havia ella de fazer num tempo em que as raparigas sérias tinham gosto em o ser, e nem se sujeitavam a ir fazer de figurantes vestidas de malha nas magicas do Oliveira, nem se deixavam enleiar por promessas de alcoviteiras?

Tirou licença para pôr loja, habilitou-se no Contracto do Tabaco para a revenda, o fogueteiro fiou-lhe algumas grósas de busca pés e bombas de cinco réis, o oleiro fez-lhe o mesmo favor com uma boa porção de santos, policias e varinas de barro pintado, e pouco mais foi preciso para principiar o negocio.

Nem mudaram de casa. Aquella em que estavam tinha o que convinha: a casa de entrada foi dividida por um pequenino balcão, pozeram-se-lhe do lado de dentro umas prateleiras, e do lado de fóra dois bancos encostados á parede. O mesmo carpinteiro que improvisou a armação depois lhe deu por cima uma aguada de colla e a poz toda azul. Ao lado da unica porta da casa havia uma janella, por onde lhes entrava a claridade para o quarto da cama, e essa janella, mesmo com os seus vidros miudos, serviu para montra. Ahi foram expostas as bonecas de panno que mãe e filha tinham creado, vestido e posto de chapéu á moda, copiando o figurino da ultima toilette de passeio com que haviam visto sahir do seu palacio, que ficava mesmo defronte, a Senhora Viscondessa. Umas de saia de chita e corpo de setim, outras de vestido inteiro de tartana, eram todas, com suas mãosinhas de cartão recortado, seus narizes cosidos a pontos naturaes, cópia fiel, retrato, da illustre titular.

No grampo do fecho de cima da porta, uma vez que a porta foi aberta nas suas duas metades, uma para cada lado, pendurou-se a bola de vidro verde reluzente, emblematica do estabelecimento, com seu charuto e seu cigarro de pau, penduricalhando ao sopro das aragens. Ao alto de uma das meias portas, num prégo, poz-se a tableta:

CAPELLISTA E
TABACOS
HABILITADA

Eram sete horas da manhan, na força do inverno. Mal fazia dia, e caía agua a potes. Por muito tempo não passara ninguem. Depois lá começou a passar um ou outro, mas nem sequer olhavam para a loja nova. Ella, sentada na sua cadeirinha baixa, da parte de dentro do balcão, a coser roupa emquanto esperava, tinha chegado a enxugar uma lagrima. Não viria realmente ninguem?

E afinal sempre alguém viera, e pouco a pouco, uns dias mais outros menos, não faltaram os freguezes. Tudo os atrahia: os bons modos e o sorriso sóbrio de quem os attendia, a boa qualidade dos artigos, o preço modico, a propria modestia do estabelecimento.

A breve trecho, começou a constar entre a vélhada tabaqueira do sitio que não apparecia ha muito tempo um simonte tão fino como o que

vendia agora a capellista; e para lá se lhe encaminhou uma romaria de amigos da pitada, desfaldando aos quatro ventos da fama, como estandartes, os seus grandes lenços de Alcobaça, vermelhos e de barra amarella, que chamavam aos magotes outros da seita.

Se bom era o simonte, melhor era o meio-grosso; e á multidão dos que cheiravam tabaco se juntava a dos que tomavam rapé atulhando todas as ventas o mais que podiam, fungando como perdigueiros, mal segurando o pingo que já incessantemente lhes caía da ponta do nariz — como o gottejar de um filtro.

Incapaz de fazer mal a uma môsca quem diria que a capellista havia de ter tambem, como nesta vida todos nós temos, alguém que lhe quizesse mal! Pois num dado momento o teve: foi o estanqueiro. A lojinha de capella, fez sem querer, concorrência ao estanco; mas o vicio de cheirar deu á larga para ambos, e ponde cada qual, sem damno do outro, viver vida folgada.

A velhice e a infancia fôram as melhores freguezas da loja da capellista. A infancia comprou-lhe todas as bonecas de panno e todos os bonecos de barro, todos os theatrinhos de cartão com seus scenarios e suas figuras recortadas, todas as caixas de zuavos de chumbo, todos os arlequins a que se puxava por um cordel e moviam braços e pernas.

Ajudavam-na Deus e os seus santos, mas tres d'estes havia, sobre todos, que mais a favoreciam com suas graças.

Poderia haver quadra do anno em que o negocio corresse menos propicio para a capellista: desde os fins de maio, porém, até ao fim de junho, fazia gosto vê-la no meio da loja, a mexer-se que nem uma dobadoira, para acudir á chusma da pequenada, que andava nas ruas a pedir dez-reisinhos a todo o bicho-carêta que passasse, dependendo-se-lhe nas abas da quinzena ou á roda da saia, e não a largando emquanto não apanhasse alguma coisa ou para o Senhor São Antonio, ou para o Senhor São João ou para o Senhor São Pedro.

Com o que um e outro lhes davam, iam os garotos lá buscar a imagem do santo, do mesmo barro de que eram feitos o policia com a sua espada á cinta, a varina com a sua canastra á cabeça, o aguadeiro com o seu barril ao hombro: Santo Antonio sempre sorridente, vestido de borel, com o gordo Menino Jesus ao collo; São João no fresco trajo biblico de pastor, com o carneirinho de lan muito encaracolada, ao lado; São Pedro de tunica vermelha, barba longa e grande calva á mostra, e o seu mólho de chaves de oiro que abrem as portas do céu.

Quem comprava o santo, comprava logo o throno onde o havia de pôr; e o throno, feito de caixa de charutos, forrado com vistoso papel de ramagens, a cruz e os castiçoes de chumbo para lhe pôr em cima, e as vélas de côres, era tambem a capellista quem vendia tudo isso.

Cobria-se de areia encarnada o chão onde se ar-mava o throno, desfolhavam se rosas, espalhava-se o alecrim e a mangerona; mas o culto innocente não dispensava a festa rija, e todo o fogo de vistas que se queimava nas tres noites, todos os balões que se atiravam aos ares, e as bichas de rabiar, os tric tracs, os valverdes e pistolas, as estrellinhas e as serpentes de Pharaó, os vulcões e bombas, era ainda a capellista quem tudo fornecia ás duzias, aos vintens e até aos cinco réis. Havia freguez que não tendo podido juntar mais do que o que custava uma bomba de pataco, lá ia comprar a bomba, e era ainda a capellista que lhe dava o fosforo com que elle, mesmo da porta da loja, não tendo animo para resistir por mais tempo ao gosto de ouvir o estrondo, lhe chegava o fogo ao canudinho e a atirava para o meio da rua, onde o novello de barbante breado rebentava em mil bocadinhos, chamando gente sobressaltada ás janellas e postigos, e espantando os burros da hortaliça pela calçada abaixo.

Pouco a pouco, com o tempo, a loja da capellista havia-se tornado como que inseparavel do scenario tranquillo de Lisboa. Participava do caracter *bon-enfant* da cidade, e tinha sainete proprio, graça familiar, personalidade. Fazia-nos bem lá entrar; mesmo só olhar para lá, já era bom. Dá-nos saudades do tempo em que tambem nós nos pelávamos por fogo de vistas e bonecos de barro, e prometia-nos o que quer que fôsse de melhor para essa inesperada quadra da vida em que a pitada de rapé é condimento inegalavel das gostosas recordações de outros tempos.

Coitadinha da capellista! Tão agradável e tão boa pessoa...

E tinha tão bom modo, era tão bem creada para todos, que a gente, quando precisava comprar-lhe alguma coisa julgava sempre não que lhe

fazia um favôr, mas que lhe pedia um favôr, justamente porque ella, quando nos vendia o que queriamos parecia que no lo dava.

Deus lhe fale na alma inóffensiva e simples.

JOÃO PRUDENCIO.



Estatua de Joaquim Antonio de Aguiar

Esculptura de Costa Motta

A gravura que ilustra a primeira pagina deste numero, com que inauguramos o 34.º volume do OCCIDENTE, representa a estatua de Joaquim Antonio de Aguiar, destinada ao monumento, que por subscrição publica, vae ser erguido, em Coimbra, ao grande liberal, que ali teve seu berço. (1)

A estatua modelada em barro, que tivemos occasião de vêr no *atelier* do talentoso escultor sr. Costa Motta, é um trabalho digno do artista que tem produzido obras como o monumento a Affonso de Albuquerque, o de Sousa Martins, o de Pinheiro Chagas e outras, que abonam os seus grandes meritos de artista, tão inteligente quanto trabalhador.

A estatua de Joaquim Antonio de Aguiar é monumental, medindo uns tres metros de altura. Representa o celebre estadista naquelle momento historico em que decretou a extinção das ordens religiosas (1834). A attitude é natural, sem deixar de exprimir energia e decisão, bem modeladas as roupas, assentando perfeitamente e triunfando quanto possivel do prosaismo do traje.

A semelhança pareceu-nos perfeita, pois ainda conhecemos o velho estadista com sua ampla testa calva, suissas que se ligavam por baixo do queixo, surgindo de entre o colarinho alto de bicos apertado pelo lenço de seda de duas voltas e laço, o que dava aos homens daquelles tempos um aspeto respeitoso e severo, bem diferente de hoje.

Só com muito talento se pôde fazer uma estatua nestas condições de semelhança, sem se ter á vista o original, nem sequer o ter conhecido, fazendo obra apenas por alguns retratos litografados, por não haver documentos de maior autenticidade.

A estatua, cuja modelação ficou concluida ha dias, vae ser fundida em bronze no Arsenal do Exercito.



INDUSTRIA PORTUGUÊSA

Inauguração de novas instalações da fabrica de chocolates Iniguez

Esta importante fabrica mereceu nas paginas do OCCIDENTE uma larga e discriptiva apreciação (2), quando o seu desenvolvimento era já notavel.

O progresso, porém, não pára e muito menos naquelles cujo espirito de iniciativa é incansavel, de ambição progressiva em chegar ao maior grau de perfeição industrial.

Essa santa ambição teve-a Antonio Joaquim Iniguez, quando, por 1888, fundou uma torrefacção e moagem de café, que foi o inicio da grande fabrica de chocolates que hoje podemos admirar; a mesma ambição tem seu filho, que lhe succedeu, o sr. Manuel Antonio Iniguez, que de seu pae herdou as mesmas qualidades, mais arrojado ainda, o que é proprio da idade moça, que desenvolve toda a actividade e inergia naquelles, como o sr. Iniguez, dotados de grande vontade e amor ao trabalho.

A obra de Antonio Joaquim Iniguez, tem uns dignos continuadores em seus filhos Manuel e Antonio, este mais novo que coopera com seu irmão na fabrica, formando uma familia industrial, um tanto rara em nosso país, mas que lá fóra é vulgar e explica os creditos e prosperidades de muitos estabelecimentos fabris, fundados ha muitos annos, até ha seculos, que tem passado

(1) A paginas 161 do XXXIII volume do OCCIDENTE, 1910, se publicou a maqueta deste monumento, com descrição.

(2) Vide OCCIDENTE, vol. XXIX, de 1906, pag. 139, n.º 990.



MANUEL ANTONIO INIGUEZ

industria inteiramente portuguesa, cuja materia prima — o cacau — é uma das maiores riquezas da nossa agricultura colonial.

Já lá vae o tempo em que este produto colonial era mal e rudimentarmente aproveitado no fabrico de chocolate português, de grosseira manipulação, que o impossibilitava de ser exportado

Não temos á mão elementos que nos ilucidem acerca do imposto especial do chocolate português, mas cremos que a sua razão seria a mesma de outros impostos absurdos, atrofiadores do trabalho nacional, acrescido, talvez, de aos sábios legisladores se afigurarem o chocolate simplesmente uma goloseima...



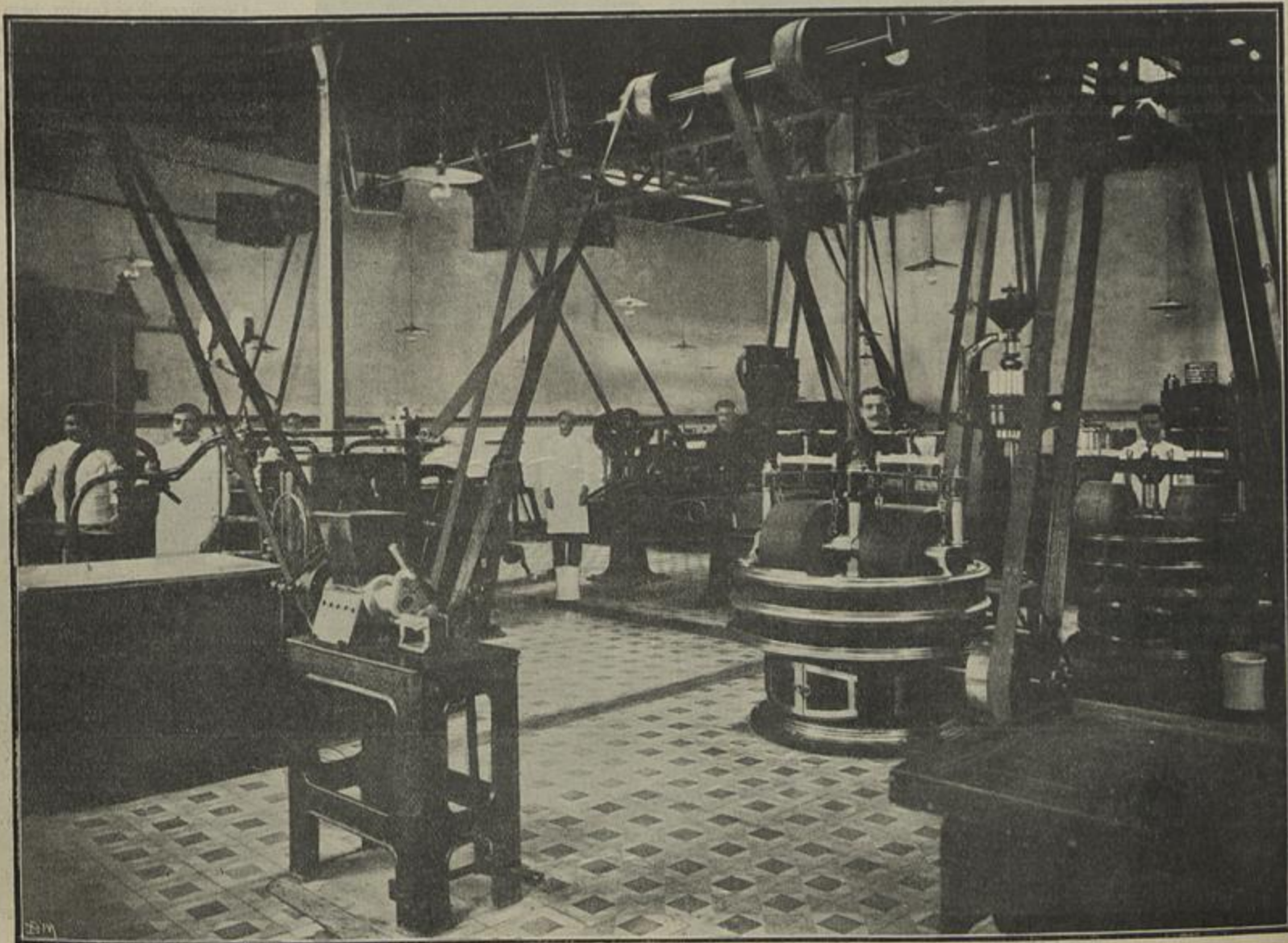
OPERARIAS EMPREGADAS NO EMPACOTAMENTO DE BONBONS

de paes a filhos e netos, como honroso patrimonio que todos vão acrescentando com seu labor e inteligencia.

Está neste caminho a fabrica de Chocolates Iniguez, não só pela presistencia intelligente de seus proprietarios, mas ainda por explorar uma

e, ainda para mais, sujeito a imposto especial por meio de licença que os comerciantes tinham a pagar para o poder vender, constituindo contrabando os chocolates estrangeiros, particularmente o espanhol, que aventureiramente passava as fronteiras e era preferido ao chocolate nacional.

Agora a industria exploradora do cacau, póde considerar-se devidamente estabelecida em nosso país, no grau de perfeição que ella atingio no estrangeiro, especialmente na Alemanha e Inglaterra onde tem mais largo consumo, e este progresso digno de registar-se deve se á louvavel



AS NOVAS INSTALAÇÕES NA FABRICA DE CHOCOLATES INIGUEZ

AS CHEIAS DO MONDEGO

iniciativa dos srs. Iniguez, no seu incessante trabalhar por aperfeiçoarem e desenvolver uma industria inteiramente portugêsa.

A Fabrica de Chocolates Iniguez tinha já notavel desenvolvimento quando a visitámos, em 1906, mas nem por isso foi menor a nossa admiração quando a tornámos a visitar em 31 de dezembro ultimo, em que eram inauguradas diferentes maquinas numa nova instalação.

Pudemos vêr e apreciar, agora, novos maquinismos para a fabricação de produtos derivados do cacau, como os chocolates e cacau em pó e em fôrmas; os finissimos e agradaveis bonbons com creme; a especialidade original desta fabrica, denominada *Cakula Iniguez*, que se compõe de cacau, noz de kola e assucar, alimento reparador e a um tempo excitante, proprio para as pessoas anemicas, com tendencia á tuberculose, e que o mais delicado estomago suporta com proveito; a extração da manteiga do cacau, produto medicinal, que até ha pouco era importado do estrangeiro; vimos, emfim, inteligentemente aproveitada aquella preciosa materia prima nacional que nenhum outro país possui melhor.

Para assistir á inauguração destas novas instalações, o sr. Iniguez convidou os srs. ministro do fomento dr. Brito Camacho, governador civil dr. Euzebio Leão, presidente da Camara Municipal, Anselmo Braancamp Freire e presidentes da Associação Comercial e Industrial, imprensa, etc.

No exame que os visitantes fizeram á fabrica, os srs. Iniguez e Henrique de Mendonça, um dos maiores cultivadores de cacau em S. Thomé e intimo amigo dos proprietarios, foram explicando todo



o complicado maquinismo, do sistema Lehmann, suas applicações, á medida que iam produzindo, pois toda a fabrica estava em laboração com seu pessoal a postos, impulsionada por duas formidaveis maquinas a vapor.

Toda a fabrica é iluminada a luz electrica de produção propria, e ocupa uma estensa area, que vae da rua Vinte e Quatro de Julho até á rua Vasco da Gama, lado Este da Avenida das Côrtes, com dois pavimentos.

Foi de notar o interesse com que os visitantes observaram todo aquelle complicado maquinismo, especialmente os srs. drs. Brito Camacho e Euzebio Leão, como o demonstraram em suas palavras e melhor confirmaram nos brindes que fizeram ao sr. Iniguez, á taça de *champagne* que este senhor ofereceu aos visitantes.

Completando esta festa de inauguração, o sr. Iniguez ofereceu, á noite, um láuto jantar aos seus operarios, para que tambem fez os mesmos convites que para a festa do dia, e a que presidiu o senhor dr. Magalhães Lima.

O jantar foi servido na propria fabrica, no grande armazem de exposição e que estava lindamente decorado de plantas e bandeiras, erguendo-se ao centro uma grande arvore do Natal com lampadas electricas de fantastico efeito.

Foi tocante a fraternidade ali estabelecida entre operarios e patrões, que tão cordealmente se juntavam nalgumas horas de gozo, como ordinariamente se juntavam nas horas de trabalho.

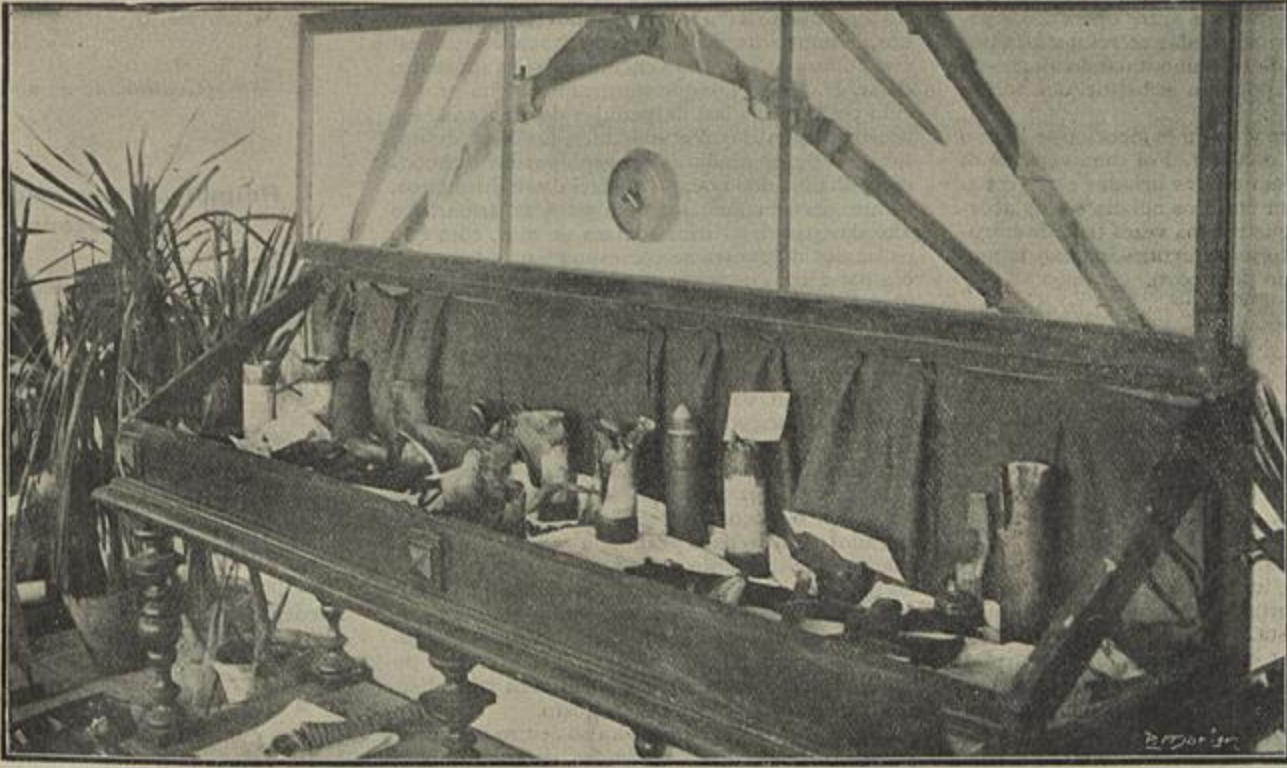
Compreende-se assim bem a reciproca estima e respeito que é possivel alcançar entre capital e trabalho, quando tão humanamente se estabelecem as suas relações, como em familia, onde existe o socorro mutuo, como o



EM COIMBRA.—A RUA DO CORVO COMPLETAMENTE INUNDADA — OS CAMPOS DO MONDEGO INUNDADOS

(Clichés da «Mala da Europa»)

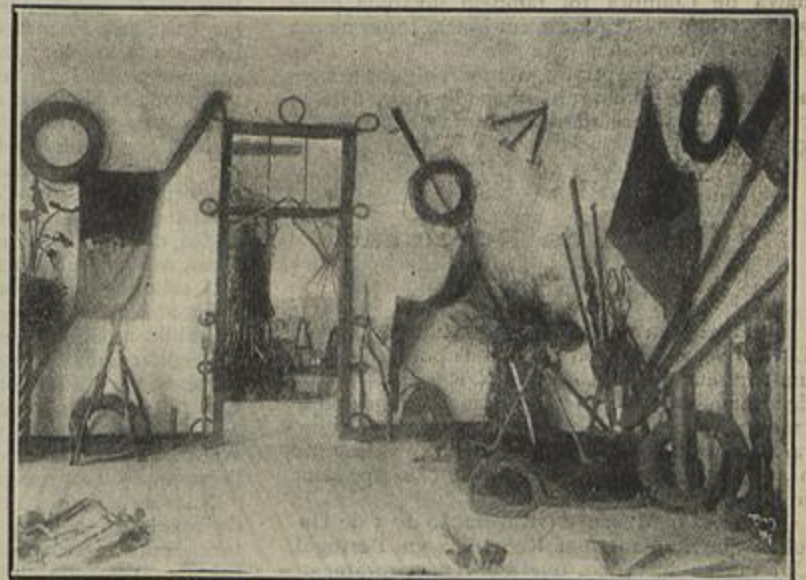
O Museu da Revolução inaugurado em 29 de Dezembro



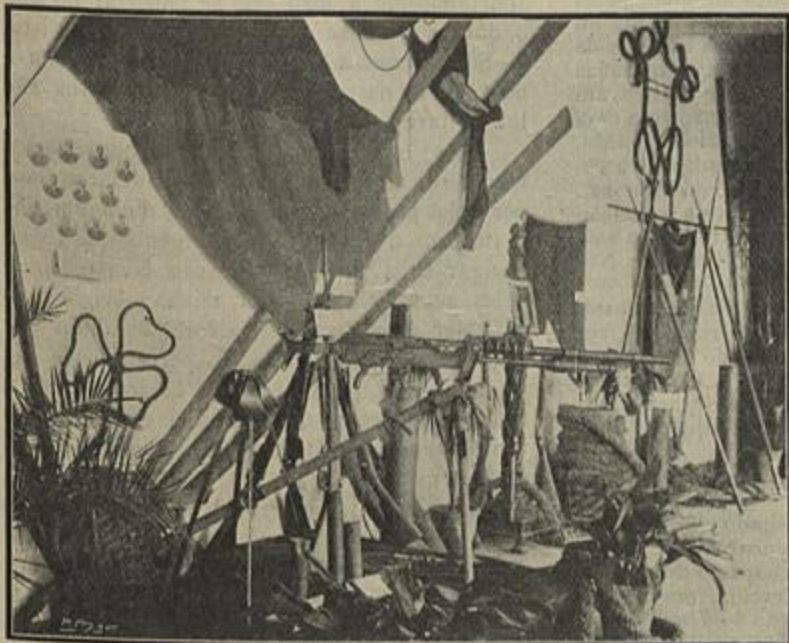
SALA DO EXERCITO — GRANADAS E LANTERNETAS SERVIDAS NA REVOLUÇÃO



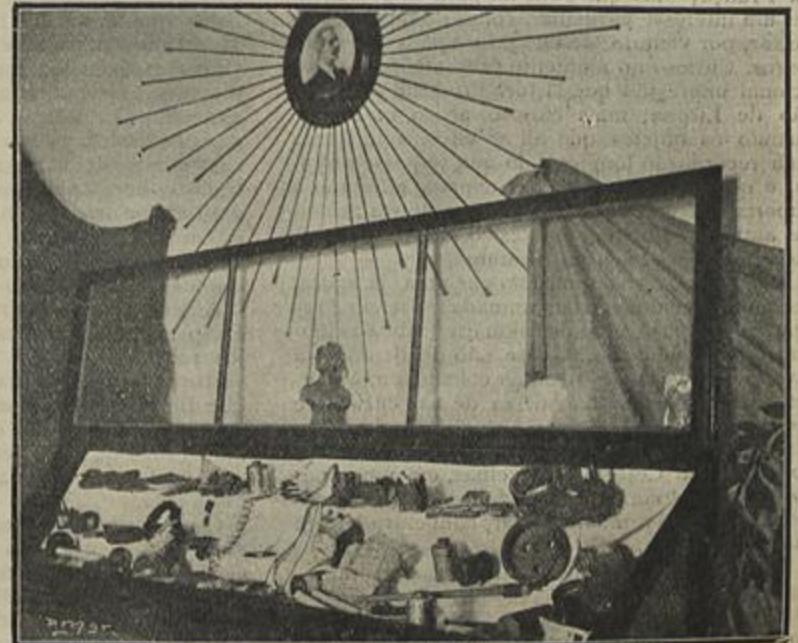
UM ASPETO DA SALA DO POVO



SALA DA MARINHA



OUTRO ASPETO DA SALA DO POVO



EXPOSIÇÃO DE MODELOS DE BOMBAS

sr. Iniguez tem de ha muito estabelecido na sua fabrica.

Ha ali um salutar exemplo a seguir, e de belos resultados, principalmente neste bom povo portuguez, que é todo coração. Estabeleça-se franca e leal fraternidade entre operarios e patrões e ter-se-á vencido todas as relutancias que devidem o capital do trabalho, quando aliaz estes dois factores não poderão subsistir um sem o outro.

Neste jantar democratico evidenciou-se bem o que acabámos de escrever. Foi uma verdadeira festa do trabalho, em que os brindes e as verdades se confundiram entre os aplausos e os acordes da orquestra, que muitas vezes teve de entretear no seu repertorio a *Portuguêsa*, esse himno nacional consagrado pelo povo.

C. A.

AS CHEIAS DO MONDEGO

Podemos, emfim, registar tempo mais bonancoso, embora frigidissimo, que succedeu aos temporaes, que com as cheias dos rios, nos ultimos dias do anno findo, levaram a desolação aos campos e lares de Portugal, como referimos em o n.º 1151 desta revista.

Felizmente todas as noticias que chegam das terras onde as cheias mais fizeram sentir seus efeitos, dão como terminada essa calamidade, não sem ter produzido grandes prejuizos, como, por exemplo, nos campos da Borralha em que ficaram perdidas as sementeiras avaliadas em mais de oitenta contos de réis.

Os prejuizos nos campos do Mondego são tambem importantes, e uma boa parte da cidade baixa de Coimbra foi tambem invadida pelas águas, tendo de se passar em botes, como na rua do Corvo e outras.

Estas cheias, sem atingirem em alguns pontos a altura das fins do anno de 1909, deixam contudo bem desoladora memoria da sua passagem.

O Museu da Revolução

Desde o dia 29 de dezembro, ultimo, que em Lisboa se abriram ao publico as portas de mais um museu o — *Museu da Revolução*, — assim denominado por se encontrarem ali muitos objectos curiosos que são recordações daquellas horas anciosas, em que muitos jogaram a vida, entre o aniquilamento ou o triunfo da causa por que se batiam.

E', pois, o Museu da Revolução de 5 de Outubro que implantou a Republica em Portugal. Um museu historico, que não tem seguramente a pretensão de certas coleções estrangeiras, como, por exemplo, as do *Museu Historico do Exercito*, instalado nos *Invalidos*, de Paris, onde se guardam preciosas recordações das guerras da França; mas que póde ter para os portuguezes um interesse particular, como de familia, sem deixar, por ventura, de ser curioso para os estrangeiros. Curioso no momento presente, pela excepcional impressão que lá fóra produziu a revolução de Lisboa; mais curioso, acaso, no futuro, quando os objetos que ali se encontram forem uma recordação longiqua do que se passou agora, e que, vistos atravez dos tempos, atingirão a importancia e a veneração que se presta ás coisas antigas, cujo valor interesse, de resto é muitas vezes bem pouco ou nenhum.

Este museu foi organizado por uma, já agora, benemerita instituição denominada *O Vintem Preventivo*, e, á parte algumas ninharias ridiculas inoffensivas, e ainda outras que não depõe muito a favor do criterio de quem as colecionou, o Museu da Revolução, não deixa de ser curioso, e até interessante.

O museu foi instalado numa das dependencias do suprimido Colegio do Quelhas, em um anexo ha pouco construido e que consta de pavimento terreo e primeiro andar, com entrada pela rua Miguel Lupi.

As coleções dispõem-se por 5 salas assim denominadas: Sala da Marinha — Sala do Exercito — Sala dos Documentos — Sala do Povo — Sala do Buiça e Costa.

Na primeira sala, decorada com um retrato do almirante Candido dos Reis, diz nos logo ser a

sala da *Marinha*. Na principal parede desta sala, forrada de veludo vermelho, assenta aquelle retrato cercado de uma palma verde; por baixo está um mostrador de tampa de vidro onde se guarda a farda e a espada do almirante. Dispostos em monte vêm se alguns moveis despedaçados, humbreiras de portas escavacadas, um escudo dourado, etc., tudo encontrado nos aposentos do sr. D. Manuel, e que mostram o efeito produzido pelas granadas, despedidas do *S. Rafael* sobre o palacio das Necessidades, no dia 5 de outubro. Vêm-se ainda varias espingardas e chuços ensarilhados dos que, no quartel dos marinheiros, foram distribuidos ao povo para se armar. Ao alto das paredes varios signaes de mar, com que os navios de guerra se correspondiam para terra e a bandeira que foi içada no Quartel dos Marinheiros nos dias da revolução, assim como a do cruzador *S. Rafael*. Aos angulos da sala agrupam-se involucros de peças dos navios que fizeram fogo sobre o paço das Necessidades, assim como carabinas *Manelichei* dos marinheiros. Sobrelevando a estas, poisa, sobre um estrado forrado a veludo carmesim, a metralhadora automatica do *S. Rafael*, que, do alto do Quartel dos Marinheiros, fez fogo sobre a força militar que guardava o Paço. Pode ainda ver-se ao lado do estrado e sobre uma peanha, a fotografia do artilheiro que de bordo do *Adamastor* fez pontaria ao pavilhão real, içado no Paço, deitando-o abaixo. Baionetas, sabres, espingardas, revolvers, encontram-se em grupos uns, outros formando motivos decorativos, enterlaçados de cordoames de bordo habilmente armados por nossos marinheiros, que para isso tem muito gosto.

Na sala do *Exercito* avulta ao centro um agrupamento de espingardas *Snider*, de envolta com baionetas, cartuxeiros e sabres, tudo que serviu na revolução. Aos cantos desta sala amontoam-se carretas, rodas, arreios, tudo mais ou menos despedaçado pelos efeitos do combate. Pelas paredes dispostas mais espadas, lanças, baionetas, formando decorações a bandeiras, como trofeos, onde se vê a bandeira revolucionaria do regimento de Infantaria 16, que esteve asteada na Rotunda durante a revolução. Nesta sala ha um grande mostrador onde estão expostas muitas granadas e bombas rebentadas, colhidas por aqui e por ali naquelles dias, fragmentos de espingardas rebentadas, etc. Completam esta sala muitos outros destroços da luta, como capacetes amolgados, cornetas amachucadas, fragmentos de viaturas, arreios, tudo estilhaçado.

A sala dos *Documentos*, é principalmente dedicada aos jornaes dos dias da revolução em que se publicam os acontecimentos, algumas minutas dos editaes publicados pela Camara Municipal, Governo Civil e Ministerio do Interior, ordens do Quartel General, fotografias e gravuras relativas á revolução em que se incluem algumas da revolta de 31 de janeiro do Porto, e outras coisas de somenos importancia, mas que fazem numero.

Na sala do *Povo*, continua-se a vêr destroços da revolução e é tal a variedade que difficil se torna enumerar os objectos expostos. Assim, a par de armas de toda a especie, encontram-se balandraus dos iniciados nas sociedades secretas, moveis despedaçados pelas balas, algumas bandeiras trazidas das casas religiosas, fragmentos de fato, quadros a oleo esburacados, entre estes, dois do sr. Hygino de Mendonça atingidos pelas balas que entraram na casa deste senhor, no Monte; um mostrador com projeteis e armas de varias especies, incluindo navalhas, fotografias diversas e ferramentas com que se fabricavam as bombas explosivas. Nesta sala ornamenta uma das paredes um retrato do dr. Miguel Bombarda, circundado de varetas de espingarda; num estrado coberto pela bandeira da Republica, está um tambor arrombado, que figurou na revolução e, em roda, alabardas que o povo trouxe da sala dos archeiros, quando assaltou o Paço das Necessidades.

A ultima sala, denominada de *Buiça e Costa*, é especialmente dedicada aos dois regicidas, cujos retratos se vêem na parede do fundo com varios dísticos. Está ali tambem a carabina de que Buiça se serviu na memoravel e tragica tarde de 1 de fevereiro de 1908, assim como o falado gabão que elle vestia.

E' tudo que de mais importante se encontra nesta sala.

O museu tem sido muito visitado e á sua inauguração assistiram os srs. ministros dr. Affonso Costa, Azevedo Gomes, Bernardino Machado, Brito Camacho, Correia Barreto, governador civil, dr. Eusebio Leão, direcção do *Vintem Preventivo*, e muitas outras pessoas convidadas.

Houve tambem um almoço oferecido pelo *Vintem Preventivo*, ás creanças suas protegidas.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1149)

XX

Primeiro ataque dos homens de Czerny

Transportámos as munições para o alto da escada, e cada um de nós, trabalhou com o mesmo ardor como se a nossa vida fosse o premio d'estes esforços.

Se miss Ruth teve conhecimento d'isto, não sei, pois não era mulher para perder tempo com perguntas nem indagações.

Reparei apenas que nos estava observando lá do seu quarto, e passou talvez mais de uma hora, antes que eu trocasse uma palavra com ella, para saber se o meu plano merecia a sua aprovação.

O que é verdade, é que Ruth Bellenden se encontrava n'uma critica situação e que não só a sua vida perigava, como tambem a de toda a gente da casa de Czerny.

Eu rasgára, n'aquella noite, uma pagina da sua vida, em que estava escripta toda a sua passada existencia, e agora não seria facil tornar a escrevel-a.

Como mulher valorosa, mostrava no seu rosto a animação que constituia um dos seus maiores attractivos. Nem uma só vez falou do perigo em que se encontrava. Por isso ella, o doutor Gray e eu, mais pareciamos antigos amigos empenhados n'uma aventura commum. do que pessoas reunidas pelo acaso n'um momento como aquelle.

— Capitão — disse o doutor, que foi o primeiro a falar — dizem ter encontrado um deposito de armamento? E' verdade ou mentira?

Respondi-lhe que sim, mas sem dar grande importancia ao assumpto, porque não queria assustar Ruth, e accrescentei:

— Havemos de nos defender, se fôr preciso, e tenho fé que daremos conta do recado. Afinal, tomamos as coisas conforme as encontramos. Confio em que mr. Czerny não pensará em derramar sangue. Se o fizer, fica responsável pelo resto, porque pela minha parte, farei a diligencia para chegarmos a um accordo.

— Sei que assim fará, Jasper — voltou Ruth, apertando-me a mão sem se importar do que o doutor pudesse pensar ao vê-la fazer isto. — Só fazemos a nossa obrigação. A minha é bem dura, na verdade, mas ainda assim não lhe voltarei as costas.

— Isso sei eu, miss Ruth. O que estamos fazendo é tanto por nossos companheiros como por nós proprios. Proseguimos n'um fim honesto o qual é de que toda a gente que venha abrigar-se á ilha de Ken, seja bem recebida pelos seus habitantes. A minha obrigação é defender esta casa contra esses bandidos que estão saqueando o navio tão perto de nós. Da porta que dá para o mar já eu tratei, mas a que temo, é a que está por baixo do poço.

Ruth escutava attenta o que eu dizia e parecia satisfeita.

— Ha duas portas n'esta casa, capitão, — disse o doutor passado um momento, — e uma d'ellas está fechada, segundo diz. Tem a certeza de que na caverna lá em baixo, esteja gente, ou ficaria deserta?

— Deserta, deserta, não digo, o que talvez seja peor. Poderemos defender a parte do mar

emquanto durarem as munições, e ainda depois; mas se ha gente em baixo... então a coisa varia muito. Vou arriscar uma carta, e veremos o que a sorte dá.

(Continúa)

RICARDO DE SOUZA.

PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

FALLECIMENTO DO DUQUE DE CHARTRES

Na sua residencia de S. Firmino, perto de Chantilli, falleceu em 4 de dezembro o duque de Chartres, que nascera em Paris a 9 de Novembro de 1840, filho segundo do duque Fernando de Orleans e da duqueza Helena de Mecklenburgo Schwerino.



DUQUE DE CHARTRES

Quando o rei Luis Philippe, seu avô, abandonou o throno, o duque de Chartres acompanhou sua mãe, já viuva, a Inglaterra e Alemanha. Foi aspirante de cavallaria do exercito sardo, e como tal entrou na campanha contra a Austria em 1859. Casou em 1863 com sua prima a princeza Francisca Maria Amelia, filha mais velha do principe de Joinville.

O governo francês, que em 1870 lhe negou a auctorisação que elle solicitára para fazer parte do exercito, concedeu-lhe mais tarde a cruz da Legião de Honra, em recompensa dos serviços por elle prestados como capitão do corpo de Exploradores do Sena inferior, sob o nome de *Roberto, o forte*.

Abolidas as leis de excepção, Thiers fê-lo commandante d'um regimento de cavallaria. As pretensões á corôa de França, formuladas por seu irmão em 1884, levam o governo á expulsão dos principes da sua familia e á sua exoneração do exercito.

Acalmadas as paixões politicas, o duque de Chartres conseguiu fixar a sua residencia em França, no seu *chateau* de S. Firmino, onde falleceu.

O duque de Chartres, principe Roberto Philippe de Orleans, era pae da já fallecida princeza Maria, casada com o principe Valdemar, da Dina-

marca, da princeza Margarida, esposa do duque de Magenta, e do principe João, duque de Guise; era irmão do conde de Paris, tio da sr.^a D. Amelia de Orleans, e tio-avô do sr. D. Manuel, ex-rei de Portugal.

DESASTRE FRANCÊS

Em 9 de Novembro o exercito colonial da França soffreu um revés no *Uadai*, a leste do *Abechr*. Uma columna de atiradores commandada pelo tenente coronel Moll, foi surpreendida por numerosas e aguerridas forças dos sultões do Massaline e de Dudmurrâh que lhe fizeram bastantes baixas, entre mortos e feridos. O commandante e mais dois officiaes pagaram com a vida o seu heroismo.

COMO SE PERDE UMA CONSTITUIÇÃO

Segundo a *Gazeta de Francfort* a Bulgaria acaba de dar pelo desaparecimento da sua constituição datada de 1878, assignada pelo principe Alexandre de Battemberg e visada pelos ministros e deputados contemporaneos. Aquelle documento estava guardado na casa forte da camara, d'onde foi roubado ha mais de dez annos, mas só agora é que deram pela sua falta. O unico remedio está na reunião de nova assembléa constituinte que redigirá a indispensavel constituição.

NOVO TRATAMENTO DA TUBERCULOSE

O celebre Dr. Doyen está empregando um novo tratamento contra a tuberculose, que parece dar maravilhosos resultados. No seu dispensario, que conta já 250 doentes, o Dr. Doyen tem experimentado o seu methodo que consiste na injeção de tres liquidos diferentes: 1.^o uma solução arsenical organica; 2.^o mycolysina injectavel. (Ambos são estimulantes dos phagocytos, as cellulas defensivas de Metchnikoff); 3.^o uma pequena quantidade de tuberculina combinada com uma solução de colloides phagogeneos. A tuberculina é um veneno violento para os leucocytos. Os phagocytos negam-se a englobar a tuberculina sem que o *sujet* tenha soffrido uma preparação conveniente. A mycolysina, que provoca a phagocytose rapida da maior parte dos microbios das doenças agudas, é impotente para provocar a digestão intracellular do bacillo de Koch.

Pelo contrario os phagocytos, quando a sua actividade tenha sido decuplicada pela injeção dos colloides phagogeneos, adquirem a propriedade de englobar a tuberculina, veneno do bacillo de Koch; destroem esse veneno e segregam ao mesmo tempo os anti-corpos especificados. E' assim que estas injeções combinadas criam a immunidadé anti-tuberculosa.

CENTENARIO DO NASCIMENTO DE ALFREDO MUSSET

A França acaba de prestar homenagem a um dos maiores genios litterarios do seculo dezoove, Alfredo de Musset, o glorioso auctor de novellas encantadoras e de comedias espirituosas; poeta cheio de arrebatamento em que se encontram as mais extravagantes antitheses. Foi discipulo do duque de Orleans; estudou direito, me-

dicina e pintura; mas influenciado por Nodier e Hugo consagrô-se definitivamente á litteratura e á poesia. A sua obra é vasta e de grande valor, devendo destacar-se os *Contos d'Espagne et d'Italie* (130), *Rolla*, *Nuits*, *Confession d'un enfant du siècle* (1836), *Lui et elle*, em resposta ao romance de G. Sand — *Elle et Lui*.

J. A. MACEDO D'OLIVEIRA.

ASPETOS DE LISBOA

Conforme á época em que estamos do anno, assim variam os aspectos de Lisboa, com seus usos tradicionaes, que se distinguem, principalmente, no commercio ambulante e cantado dos vendilhões que correm toda a cidade. E' este um dos usos mais característicos de Lisboa, mais original e tipico de todas as cidades do mundo, e que não deixa de causar surpresa ao estrangeiro que a visita.

Alguma coisa de original elle encontrará aqui, que o pague de todos os arremedós, ou imitações do que terá visto em outras cidades.

A ovarina que corre e saltita leve e esbelta por toda a cidade gritando a vivinha da costa ou as postas de pescada; a vendeira gaiata, que, no verão, alegra o lisboeta com seu cantado pregão dos figos de capa rota, ou par de melancias á faca; as que vendem queijos saloios, ovos e galinhas, laranjas da China ou as uvas de vinha, são todas tipos perfeitamente originaes, cantando por essas ruas seus pregões, distintos, inconfundiveis, que para os habitantes da cidade lhe marcam o tempo, como se fôsem relógios, tal o habito de os ouvir a horas certas.

De manhan cedo são as leiteiras, as mulheres da fava rica e, no verão, as dos figos para almoçar; pelo meio dia são as vendeiras de hortaliça, as dos ovos, as peixeiras e os azeiteiros; de tarde são as das fructas, as do tremoço saloio e fava torradinha; pelas noites de inverno ouvem-se os pregões de marmello assado no forno e dó mexilhão com o seu *r e r*. O que se ouve, porém, desde manhan até pela noite fóra, é o impertinente apregoar de numeros de cautelas para quem se quizer habilitar aos doze ou aos vinte contos, da roda que vae andar. Uma verdadeira praga capaz de arreliar o mais pacato cidadão, quer em casa, quer na rua onde o cauteleiro o persegue por todas as vielas.

Isto é um dos aspectos quotidianos de Lisboa, de que só falta mencionar as cabrinhas e vacas leiteiras, que pela manhan e pelo fim do dia vemos passear pela cidade numa mistura de transeuntes que se conhecem e a que só falta apertar a mão ou tirar o chapéu.

Agora, por este tempo das festas, vem juntar-se a estes solipedes transeuntes, os bipedes galinaceos perus, que, em bandos, percorrem as ruas soltando os seus *grus grus*, capitaneados pelos vendedores que lá os vão encaminhando com compridas canas á guisa de pampilho de guiar touros.

Quando os tristes perus teem andado já alguns pares de kilometros na sua peregrinação por Lisboa, vão, em geral, acampar no largo de S. Domingos, junto ao Rocio e então constitue-se ali um mercado destas aves, em ranchos cada qual com seus donos.

O espectáculo não deixa de ser interessante e original. Muitas vezes esses rebanhos representam centenas de perus e duzias de compradores, o que movimenta extraordinariamente este quadro dos mais pitorescos que Lisboa oferece.

Mas muito mais movimentado foi elle ainda o outro anno, quando no palacio dos Almadas, que fica no largo de S. Domingos, estava o Liceu.

Os rapazes estudantes divertiam-se muito com os perus e tanto lhe queriam, que um dia lembraram-se de os banquetear com alguns litros de milho. A acção era louvavel porque os pobres galinaceos de balde depenicavam na calçada em procura de algum grãozinho para o papo vasio, e nesta disposição de espirito e de corpo, quando os seus amigos estudantes lhe atiraram com belas mãos cheias de milho amarellinho como gêmas de ovos, elles lançaram-se sobre o pasto com tal voracidade que em menos de um minuto os rebanhos tinham-se misturado todos, na ancia de cada peru abicar o maior numero possivel de bagos, num grande contentamento e alegria, de que tambem os benefeitores rapazes partilhavam por verem a sua obra.

Mas os donos dos perus é que não partilharam



ASPETOS DE LISBOA—A VENDA DE PERUS NO LARGO DE S. DOMINGOS

dessa alegria ao vêrem os seus rebanhos misturados, numa confusão diabólica. Gritavam, gesticulavam, descompunham-se e chamavam-se ladrões uns aos outros, porque lhe faltavam perus dos seus rebanhos e não raro alguns se esmurram irrosos, enquanto outros reclamavam a policia e avançavam para os bons rapazes que se punham a salvo nas aulas.

Lisboa nunca assistiu a um espectáculo mais divertido e ao mesmo tempo mais innocente.

De resto, os rapazes não tinham feito nada de mau; tinham até praticado uma boa acção dando comer a quem tinha fome.

Entretanto, desde aquelle momento, estavam estabelecidas incompatibilidades, que era necessario acabar.

Dados os sentimentos altruistas dos rapazes, os perus eram incompativeis com elles ali, sob pena de perigar a ordem publica. Ou os rapazes haviam de retirar-se ou os perus.

Uns e outros, porém, estavam no seu lugar; os perus no mercado, os estudantes no Liceu e a ordem publica em perigo!

Oh sabia Providencia!

O Liceu mudou-se para a Cruz do Taboado.

Os perus ficaram, e se o leitor fôr ali, por estes dias, ainda lá encontrará os que não fôrão assados, aos *grus grus*, a vêr se ha rapazes que lhes atirem mais milho.

CAETANO ALBERTO.

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ.

Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas. 600 réis

Collegio Francôz * Instituto primario e secundario

Ancorizado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorizados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviem-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)